

17 JAN 1994

Empréstimos perdidos

ESTADO DE SÃO PAULO

A imagem que se deve ter do Brasil na comunidade internacional deve ser multifacetada: um país que possui as características do beija-flor (esse lindo passarinho que tem todas as condições aerodinâmicas para não voar), pois consegue conviver com uma inflação de quase 40% ao mês; um país que tem o décimo PIB do mundo e exibe índices sociais dos mais baixos, a ponto de o ministro da Saúde dizer que seu ministério é o "ministério das doenças"; um país em que alguns privilegiados (que fazem questão de dizer que não pertencem à elite dos privilegiados) agredem o Exterior porque o Brasil exporta mais capitais do que recebe e, no entanto, não é capaz de organizar um sistema correto, seja de prestação de contas para continuar recebendo empréstimos de organis-

mos internacionais, seja de execução de projetos para o mesmo fim.

Agora, parece que no Ministério do Planejamento se descobriu que, ao longo de 10 anos (uma década!), entraves burocráticos fizeram que o País deixasse de receber créditos externos no valor de US\$ 3 bilhões. Não se trata de dinheiro destinado a construir a Transamazônica; eram empréstimos concedidos, além de para a área de transportes, para as de saúde, saneamento básico, educação etc. Esse dinheiro deixou de entrar simplesmente porque os cronogramas dos projetos aprovados não foram cumpridos. Fossem os organismos financiadores brasileiros, possivelmente os projetos teriam sido levados até onde a corda pudesse ser esticada. Como os financiamentos são externos, de organizações com algum sistema con-

fiável de auditoria — Banco Mundial (Bird) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (Bid) —, a fonte pagadora secou. Agora, o Ministério do Planejamento pretende fazer que ministros participem de um esforço conjunto para realizar um programa de racionalização do emprego de projetos externos.

Espera-se que não seja apenas mais uma comissão. É de supor, por outro lado, que o Ministério do Planejamento tenha conseguido identificar quais são esses entraves burocráticos. Muitas vezes, tendo em vista a crise do Tesouro, eles nada mais são que atrasos na liberação da contrapartida em cruzeiros reais (ou moeda

da época) a que o Brasil se obrigou no momento da assinatura dos contratos de empréstimo. É mais que compreensível que, não tendo o Brasil (União, ou Estados e municípios) cumprido suas obrigações, o Bird e o Bid tenham

deixado de adiantar dinheiro. Quaisquer que tenham sido os entraves, e em que nível se tenham situado, é lastimável que se tenha perdido essa quantia nada desprezível por inércia administra-

tiva, ou incapacidade gerencial. O que o anúncio vem mostrar é que dinheiro externo não falta; sobra. O que faltam são projetos, e, quando existem, quem os execute e os acompanhe.

Dinheiro para projetos não falta no Exterior; falta, isto sim, no Brasil, boa execução deles todos